

# O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes  
**PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA**

## Publicações

Anuncios, cada linha, typo comm m. . . . .	20 réis
Comm nicado . . . . .	60 "
Reclamos . . . . .	100 "
Artigos . . . . .	200 "

Quinta feira 21 de janeiro de 1897

## Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros . . . . .	300 réis
Provincias, series de 24 numeros . . . . .	600 "
Numero avulso . . . . .	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros . . . . .	1.000 "

## RESUMO

Tiro civil — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes — Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso — Casos extraordinarios em caçadas, por NEMROD — Caçada ás lebres nas lezírias de Villa Franca — O texugo, por P. M. — Fecundidade — Tordo, por H. OLAVRAC — Ratoeiras — O veado, por POLBERT DEMOSTRIL.

## TIRO CIVIL

**D**UAS palavras apenas sobre o tiro civil, poisque nem a minha debil pena é bastante para o poder descrever minuciosamente nem tão pouco desejo provocar indifferenças ou ferir individualidades que a todos os respeitoos prézo. E' simples e unicamente o arraigado amor que sinto por este exercicio tão util quão proveitoso, que faz com que venha desabafar um pouco, servindo-me para esse fim do mui lido e acreditado jornal o *Tiro Civil*; se a illustre redacção julgar de justiça dar-lhe publicidade.

Tenho n'estes ultimos tempos notado a pouca frequencia que a carreira tem tido e algumas vezes mesmo deixado de funcionar; decerto devido á falta de atiradores. Ora se o regulamento estipula poder realizar-se o exercicio achando-se inscriptos pelo menos doze atiradores é realmente triste que não tenha attingido esse numero. Por outro lado, tambem, quereria ver mais boa vontade da parte dirigente, já que infelizmente ab-initio, sempre tenho notado, áparte honrosas excepções um tal ou qual desprezo e bem pouca protecção quando n'outros paizes se acolhe e se protege desmedidamente e por isso, sem duvida, se propaga. Com franqueza, attendendo ao nosso temperamento e á reluctancia que se encontra em alargar esse genero de exercicio, se a par d'isto, não houver boa vontade e bastante assiduidade, decerto veremos em tempos não mui remotos, fechar-se a carreira e assim acabar tão desgraçadamente, o que d'um momento para outro nos poderá ser muitissimo preciso. E' pois o que immenso lamento e o que vejo progressivamente caminhar a passos mais agigantados.

Dirão que os exercicios venatorios desvião durante o período da caça alguns atiradores da carreira mas isso nunca deveria influir, poisque ainda mais uma vez prova os progressos feitos.

Triste e bem triste em verdade!

Marca-se tambem o exercicio de tiro do meio dia ás tres e meia horas da tarde e isso mesmo se faz constar pelos jornaes e o que acontece é que é uma e uma e meia hora da tarde e ainda não ha numero sufficiente para começar; comtudo d'entro d'este prazo de tempo julgo estar-se ao abrigo da lei. Todavia o que succede, é que não estando numero bastante, toca a retirar e não ha hoje exercicios. Ora eu não concordo que o pessoal da carreira esteja do meio dia á uma e meia da tarde, esperando pelo lá vem um, mas o que não posso tambem tolerar é que se *leante ferro* sem ao menos esperar mais um bocadinho.

Sejamos uns para os outros e se a frequencia é maior da uma hora em diante seja esse então o momento marcado para começar o exercicio. E tenho dito.

Pela publicação d'estas linhas ficará mui-to grato quem é com o devido respeito

De V. etc.

19-1-97.

L. SARAIVA.

\*\*

*Meus amigos*

**C**OMO sabem, não funcionou no domingo ultimo, por falta de numero de atiradores, a carreira de Pedrouços; mas succedendo que por informação errada, o *Diario de Noticias* de segunda feira noticiou o facto, ao passo que dizia estarem presentes 16 atiradores, á hora habitual, peço-lhe que, no proximo numero do *Tiro Civil* publiquem esta minha carta, pela qual como testemunha presencial affirmo que, sendo 2 horas e 35 minutos da tarde, e estando na carreira 7 atiradores, o nosso amigo sr. tenente Pinto, sub-director da carreira, mandou retirar os signaes de fogo e destroçar o pessoal, pois, como é sabido, é preceito regulamentar, que o *minimum* de atiradores com que pode abrir o fogo é de 12.

Julgo dever meu fazer esta expontanea declaração, pois que o meu silencio, perante uma affirmativa erronea, por certo me não ficaria bem.

Direi ainda que seria para desejar que os atiradores civis se lembrassem de que a carreira deve funcionar desde o meio dia ás 3 e meia horas da tarde, e que, por tanto, não sejam tão tardios na sua comparencia, para que se não repita o facto occorrido no ultimo domingo.

Am.º e collega obg.º

S/c 20-1-97.

*J. Fraga Pery de Linde.*

## ASSOCIAÇÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

### AVISO

**P**OR ordem do Ex.º Presidente da Assembléa geral é esta novamente convocada a reunir no dia 30 do corrente ás 9 horas da noite a fim de se dar cumprimento no artigo 20.º dos Estatutos. A assembléa funcionará com qualquer numero de socios presentes.

### Ordem da noite

1.º — Apresentação do Relatório e contas da Direcção relativas ao anno de 1896 e parecer do Conselho fiscal.

2.º — Discussão da proposta da Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso, apresentada na sessão anterior.

3.º — Apresentação de propostas da Direcção.

O 1.º secretario da Assembléa geral  
*Eduardo R. da Costa.*

## ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

### Sessão da direcção em 19 do corrente

**A**CHANDO-SE presentes os srs. dr. Paulo Cancellá, presidente da meza da assembléa geral, Wasa de Andrade, drs. Anachoreta, D Kort, Fontes e Dias Guilhermino, da direcção, J. P. Fernandes, Thomaz Coelho e Carneiro, do conselho fiscal, o sr. Wasa de Andrade, representando o presidente sr. Anselmo de Souza, que por estar bastante incommodado com uma bronchite não poude comparecer abriu a sessão ás nove horas da noite. Foi approvada a acta da sessão anterior.

O sr. Fontes pediu a palavra para antes da ordem da noite e estranhou que se consignasse na acta uma proposta do sr. dr. Cancellá na sessão anterior; o sr. dr. Anachoreta disse que o sr. dr. Cancellá se tinha limitado a apresentar a ideia que por muito justa a direcção perfilhou e approvou; ficou combinada a maneira de proceder em egualdade de casos futuros.

O sr. D Kort deu algumas explicações sobre a cobrança effectuada e disse ter recebido mais 17\$400. Acha pequena a quantia em cofre para a distribuição de recompensas e parece-lhe que se não devem expedir officios para todos os governadores civis do reino. Apresenta umas duvidas sobre a collocação do dinheiro cobrado que ficaram para resolver.

O sr. Fontes propoz que se nomeasse uma commissão auxiliar de legislação para tratar não só dos regulamentos internos da associação como de elaborar alguns projectos de regulamentos que careçam da sancção governativa, elogiou a ideia do sr. dr. Paulo Cancellá que tinha feito esta proposta na ultima reunião da assembléa geral que por não ter sido convocada para esse fim não poude tomar conhecimento da proposta.

O sr. Dias Guilhermino disse que se tratasse por ora das leis velhas se deixassem os novos regulamentos para depois.

O sr. dr. Anachoreta opinou para que ficasse desde já alguma cousa assente, e que se nomeasse a commissão de legislação porque para diligenciar que as leis velhas se cumpram está a direcção e para estudar as modificações e regulamentos necessarios será a commissão, sem que vá embaraçar os trabalhos da direcção.

Foi nomeada a commissão auxiliadora de legislação, composta dos srs. drs. Paulo Cancellá e Anachoreta, Anselmo de Sousa, Wasa de Andrade e J. P. Fernandes.

Entrando na ordem da noite foi lida e approvada a proposta do sr. dr. Anachoreta, Anselmo de Sousa, Wasa de Andrade e J. P. Fernandes.

Entrando na ordem da noite foi lida e approvada a proposta do sr. dr. Anachoreta sobre a impressão e distribuição dos diplomas, proposta que tinha ficado da sessão anterior.

O sr. Dias Guilhermino pediu para substituir as suas tres propostas apresentadas







Imaginem que fiquei muito satisfeito? Enganam-se.

Fiquei furioso. Estive até para quebrar a espingarda.

Talvez os meus confrades supponham que se eu tivesse parado e feito pontaria á lebre, a tivesse morto? Enganam-se também.

Eu sou como o morgado da *morgadilha de Valle Flôr*, não me gabo de prendas de que não faço uso—sou um *podão* a atirar; e a proposito d'isto ainda lhes heide contar outra aventura—Fica, porém, para outro dia.

O que lhes peço é que publiquem também as suas aventuras e mesmo as alheias para não ser eu só a passar por um mentiroso.

NEMROD.

## Caçada ás lebres nas Lezírias de Villa Franca

REALISOU-SE no domingo ultimo uma caçada ás lebres nas Lezírias de Villa Franca de Xira, promovida pelos srs. Manoel Cordeiro, Augusto Pinheiro da Silva e dr. Paulo Cancellia.

Além d'estes cavalheiros foram mais os srs. Francisco Cassiano Pereira Mendes, Paulo Bray, Joaquim Vieira Caldas e José Marques, de Lisboa, João Ferreira, de Carmões, André Lamas, d'Alhandra, Joaquim Mendonça, José Affonso, José Antonio Pereira d'Almeida e Arthur de Paiva, de Villa Franca.

Como foi também um creado, a linha de caçada era de quatorze cavalheiros.

Foram vistas nove lebres, engalgadas cinco e mortas quatro.

Levavam os seguintes galgos:

*Lord*, do sr. Augusto Pinheiro da Silva.

*Tejo*, do sr. Manoel Cordeiro.

*Falcão*, *Simoun*, *Saib*, *Pomba* e *Clawn*, do sr. dr. Paulo Cancellia.

*Sultão* e *Lousa*, do sr. José Affonso.

*Arneve*, do sr. João Ferreira.

Total dez galgos.

A primeira trela foi formada pelo *Falcão*, *Lord* e *Clawn*.

Esta trela matou duas lebres.

A primeira sahiu larga, sem que nenhum cão a visse.

O sr. José Affonso carregou-a até que foi engalgada pelo *Falcão* que, á primeira pancada, ficou com ella na bocca.

A segunda foi achada por um perdigueiro, mas correu muito pouco, porque o *Falcão* estava perto e agarrou-a logo.

Prendeu-se a primeira trela e soltaram-se todos os outros galgos, porque o terreno era muito sujo de *sapal* e as lebres furtavam-se com muita facilidade e com difficuldade poderiam ser engalgadas indo soltos poucos galgos e mesmo porque alguns dos que iam são novos e não se podia ter confiança n'elles.

A primeira lebre que se levantou a esta trela saltou perto do sr. dr. Paulo Cancellia que a engalgou com o *Simoun* e com o *Saib*.

A lebre era mãe e pretendeu furtar-se aos galgos no *sapal*. Parecia um coelho a furar por debaixo das moitas.

Por fim, apertada pelos galgos, meteu ao carril, sahindo com ella a *Arneve* que se portou lindamente assim como o *Simoun* que, em certa altura, tomou conta da lebre não a deixando mais até que a agarrou.

Foi uma carreira linda.

A segunda lebre sahiu perto do sr. José Affonso e Joaquim Mendonça que a car-

regaram por algum tempo sem a engalgarem.

Foi vista pelo *Simoun* que se aproximou bem, mas apenas a bafejou, ella espartou e depois d'isso é que a carreira foi linda.

O *Simoun* deu-lhe duas ou tres vezes sem que qualquer outro galgo entrasse.

Por fim, n'uma volta entrou a *Arneve*, que lhe deu duas vezes, entrando depois a *Pomba*, que lhe bateu, tomando novamente o *Simoun* conta d'ella até que ella se encovou.

Estavam já para continuar a caçar, porque entre caçadores de lebres com galgos, lebre encovada considera-se lebre morta, quando alguém lembrou que se fosse arranjar uma pá para se tirar a lebre para se deitar ao *Tejo* (não é o rio nem o nobre animal que possui tal nome é cão d'agua, é o galgo do sr. Manoel Cordeiro) e aos *Sultão* e *Lousa*.

Estes dois galgos são novos.

O alvitre foi accetto e mandou-se a uma pousada buscar uma pá. Entretanto davase descanso á lebre.

Chegada a pá e depois de se tirar muita terra, avistou-se finalmente a lebre.

Era um soberbo animal.

Prenderam-se logo os outros galgos, deixando soltos só os tres que deviam correr.

Picou-se a lebre e ella ahi vac. Metteuse com ella o *Tejo*, mas foi logo passado de rabo á orelha pelo *Sultão* e *Lousa* que se chegaram bem e deram na lebre, mas ella que com a meia hora de descanso, tinha recuperado algumas forças, ia já a indireitar carreira quando a *Pomba*, saltando-se da prisão, passou e a agarrou.

Por fim engalgou-se uma outra lebre que sahiu no meio dos cavalheiros. Metteu com ella a *Lousa* e depois a *Pomba*, que lhe deu. A lebre, então, furtou-se, os galgos correram para a frente e a lebre voltou para os cavalheiros, sendo vista pelo *Saib* que metteu sósinho com ella e que a perdeu no *sapal* depois d'uma enorme carreira.

Foi uma linda caçada e divertidissima pelas peripecias que se deram com a lebre desencovada.

## O TEXUGO

(Continuado do n.º 98)

Essencial é que mordam bem, que sejam intrepidos, capazes de estrangular um animal adulto e que sigam o rasto sem se desviarem, o que aliaz não é difficil porque é grande e não é indispensavel ter boas ventas.

Os cães de gado, cães quaesquer, sem raça alguma, farejam-no maravilhosamente, são facéis de seguir, os cães habitua-se facilmente e preferem este rasto a qualquer outro.

Não são necessários muitos; uma pequena matilha de meia duzia de animaes é sufficiente

O importante é conhecer as tocas habitadas e também todas as outras que se encontrem nos arredores, ainda mesmo a grande distancia.

Começa-se per tapar as que não são frequentadas, quer com pequenos feixes de matto, ou mais simplesmente com paus cravados na terra e a que se fixa um pedaço de papel branco. E' preciso não esquecer nenhuma abertura, depois, na vespera da caçada, entre as onze horas e meia noite, quando os texugos andam a passear ou em busca de alimento, faz-se o mesmo a todas as saídas das covas.

Ao romper do dia levam-se os cães, soltam-se dois dos mais seguros e fazem-se procurar a pista nos arredores das covas. Logo que a encontrem, soltam-se todos os cães. A perseguição não é longa e, se é novo, succumbe rapidamente. Os adultos defendem-se energicamente e as maxillas são terriveis.

E' por este motivo que são precisos cães valentes e que mordam bem.

Os maiores nem sempre são os melhores; alguns ha de pequena corporencia que alem de muito valentes tem notavel dextreza para escapar aos dentes do inimigo.

Os cães que tem apanhado texugos gostam muito d'esta caça e seguem perfeitamente o rasto.

Podem-se destruir d'este modo numerosos animaes, muitos ás vezes em uma só manhã, não obstante não serem d'aquelles que se encontram em maiores grupos, pois são solitarios por inclinação e se devem caçar-se é para interesse da caça pois está provado por observações concludentes que tem gosto muito accentuado por ovos e carne fresca e o petisco que mais preferem é o ouriço que esfolha n'um instante apesar dos agudos espinhos.

O texugo tem um paladar muito extravagante, pois conta-se que um texugo domesticado (o que é muito facil) e que um certo dia ficou engaiolado juntamente com uma raposa que tinham apanhado viva, no dia seguinte encontrou-se a raposa quasi devorada pelo companheiro.

A carne da raposa não é appetitosa e isto prova que em gastronomia o texugo é eclectico.

A carne do texugo é saborosa e muito aproveitavel; come-se em muita parte e tem sempre para os amadores a qualidade justificada pelo ditado: *gordo como um texugo*.— P. M.

## FECUNDIDADE

Do nosso dedicado amigo e collaborador sr. Thomaz Coelho, recebemos a seguinte noticia:

Por achar curiosa e julgar que queira, por ser pouco vulgar, dar a noticia no *Tiro Civil* eis a razão porque lhe dou parte.

Uma cadella perdigueira que eu tenho, uma boa estampa das raças inglezas, teve do dia 11 para o dia 12 de janeiro do corrente 12 cachorros sendo 7 cães e 5 cadellas!

Mais ainda; da primeira barriga que foi em 6 d'abril de 1895 teve 11 cachorros, da segunda a 25 de março de 1896, 9 cachorros, e finalmente a terceira que é actual 12!

Na actual barriga do primeiro ao ultimo cachorro mediu 25 horas havendo o intervallo do penultimo ao ultimo de 5 horas e meia!

Mas basta de massada; se quizer fazer alguma noticia a tal respeito é por isso que lh'o participo.

## TORDO

V

ENTRE caçadores qual é o que não tem já diligenciado distinguir o tordo no meio da ramaria do olivedo?

A côr escura do *Turdus* fal-o passar despercebido entre a folhagem, o instin-



cto obriga-o a conservar-se escondido atraz dos ramos quando a presença do caçador vem interromper a sua alegre e farta colheita de azeitonas.

Em Portugal o tordo alimenta-se principalmente d'este fructo; em França são as uvas que lhe merecem a preferença e é quando elle parte em busca das regiões do sul que os caçadores do norte se entregam especialmente á sua caça.

A carne do tordo é considerada como manjar de primeira ordem e creio bem que perde entre nós parte do perfume e delicadeza por causa da alimentação que esta ave aqui prefere, no entanto é ainda o que se pôde chamar um bom petisco.

Nos nunca mais realisaos banquetes romanos, o tordo era uma das iguarias d'elite ao lado do pavão e d'outros maiores requintes da gastronomia, e os gastronomos por excellencia não tiveram ainda quem os imitasse na cultura de tal arte.

O rouxinol do norte ou rouxinol das florestas como é conhecido na Suecia e Noruega é um bom cantador e presta-se facilmente á domesticidade, mas o corpo ainda que elegante é d'uma côr castanho escura salpicada de manchas mais claras, e tão sombria que a vista prefere muitas vezes aves de menor merito mas de plumagem mais variegada e brilhante.

O tordo é um *dentirostres* que pelos habitos e pelo tamanho é muito semelhante ao melro com quem pertence á mesma familia zoologica; conhecem-se diversas especies, todas de arribação, entre ellas o *turdus pilaris* ou zornal, o *viscivorus*, o pelinho e o *polyglottus* que é notavel principalmente por imitar com grande facilidade o canto de qualquer ave, este ultimo é oriundo da America, o *turdus musicus* é o mais commum.

O tordo femea põe geralmente cinco ovos salpicados de castanho, n'um fundo verde azul, algumas vezes porém são de uma só côr, verde glacé.

Descobrir o tordo entre a folhagem é difficil, atirar-lhe no ar é mais difficil ainda porque o tordo voa rapido e ás guinadas; ora sobe, ora desce, volteia a um e outro lado e muitas vezes vae pousar na arvore mais proxima sem dar tempo a firmar a pontaria.

E' caça de arribação e chega em grandes bandos que se espalham por todo o Portugal.

Em muitos pontos caçam o tordo á espera, pela tarde, em frente d'um choupal ou de uma canneira; na occasião em que recolhem para passar a noite é o momento azado de fazer melhor colheita.

H. OLAVRAC.

## RATOEIRAS

No logar da Presinheria concelho de Mafra, ha um caçador de contrabando que nas horas vagas é barbeiro. Este sujeito assentou arraiaes no Valle de S. Geão e immediações para collocar as ratoeiras, e o anno ultimo gabou-se elle de só em tres ratoeiras ter apanhado cento e tantos coelhos!

Providencias sr. governador civil.

## O VEADO

QUEM ha ahí entre os verdadeiros caçadores, que não visse ainda este nobre animal, no momento em que apparece á entrada do bosque, com o

peito arqueado, a cabeça deitada para traz, ostentando essas pontas magnificas que se ramificam como uma arvore de Natal?

Immovel, de olhar attento e meigo, de ventas dilatadas, escuta as modulações da tibia pastoril ou o murmuro do vento nos carvalhos.

E' o rei da caça; o ornamento e o orgulho das nossas velhas florestas.

Fallo do veado e as recordações accumulam-se, os quadros succedem-se, as lendas encadeiam-se. E' como que uma volta aos tempos da cavallaria, uma resurreição das montarias antigas.

E' a fabula, a historia. E' o veado do monte Ida, o caçador Acteon que a casta Diana transforma em veado; é as sombrias florestas do Brabante, o filho de Gennoveva abandonada que uma corça amamenta com o seu leite; é nas ruas de Cracovia, o carro do rei Augusto levado a toda a velocidade por oito veados brancos como a neve; é o grande Saint-Hubert, convertido e deslumbrado pela mysteriosa apparição d'um veado que traz entre as armas, como se fôra um esgalho, uma cruz luminosa e brilhante.

É o veado das Ardennes, cujas hastes de ouro resplandecendo nas trevas servem de farol ao viajante; é o veado da velha Armoriga cuja ponta, reduzida a pó, cura as raparigas do mal d'amor; é o veado do monge Hervé que lava como um boi; é finalmente o veado que se deitava, tranquillo e submisso, aos pés da pastora de Vancouleurs e que segundo dizem, appareceu n'uma aureola de fogo sobre a pira de Joanna d'Arc.

Fallo no veado e assistimos á sua historia, um poema—á sua vida, uma carreira—á sua morte, um drama.

Sôa a fanfarras, os caçadores precipitam-se e os gritos dos picadores misturam-se aos latidos dos cães.

Ao longe, o veado, rapido e orgulhoso, corre, salta, rasando como as azas as estevas e as moitas, perdendo-se nos bosques, transpondo os rios, escalando as colinas.

Atraz d'elle precipita-se, estende-se encarna-se a matilha furiosa, com os olhos em fogo, as boccas espumantes, vomitando linguas escarlates.

E o veado, sempre rapido e orgulhoso, parece levado pelo vento.

É um turbilhão, uma vertigem. Os caçadores approximam-se e a fanfarras sôa mais rapida e mais sonora.

Ferejando, atordoado, extenuado, com a cabeça pesada e o corpo vergado, o veado demora o andamento, ia dizer o vôo; a matilha avança sempre e as trompas de caça acompanham com ar terrivel cada quadro d'este drama, cada phase d'esta agonia.

Em vão o nobre animal passou um rio, perfilando a cabeça sempre orgulhosa e a soberba armação sobre as aguas. O valoroso animal vae succumbir, vae desaparecer sob a matilha que o alcança, que se estende, que vae cobril-o como se fôra lepra viva.

O veado tentou um supremo esforço, mas as pernas vergam-lhe, a vista annuvia-se-lhe e as lagrimas correm-lhe dos olhos, chora, não como vencido supplicante, mas como choravam os heroes de Homero, cujos olhos iam fechar-se para a luz do dia. É como um ultimo adeus ás sombras, ás balsas, a essa liberdade querida como o retiro amado das velhas florestas.

Mas este enternecimento é apenas um relampago; não se trata da victoria mas da honra. O nobre animal avista um pe-

queno outeiro, um rochedo; um muro, uma arvore e, alli cravando as terriveis armas na matilha enfurecida, morre dando a morte, cae como fidalgo, como valente, como heroe.

O veado tem a sua idade de ouro, o seu tempo de segurança e de amor, a sua pagina util e gloriosa, pagina encantadora na historia da nossa civilisação.

Lancemos um olhar para os gaulizes, a velha patria franceza, arruinada pelo dominio romano e pela invasão dos barbaros.

Por toda a parte o solo cheio de matto e de herva, por toda a parte os lameiros dos pantanos, florestas inacessiveis e n'essas florestas innumerous animaes, hoje desaparecidos.

Chega o monge e, sem guia, nem arma, sem ferramenta, nem companheiro, ataca o solo devastado d'esse velho mundo impotente e decrepito, as arcias, os gelos, os rochedos.

Oh! milagre de coragem e de trabalho, de perseverança e de fé!

As planicies são cultivadas e os pantanos exgotados, as florestas desbravadas e sobre este solo reconquistado, o monge semêa, planta, colhe, não conhecendo outra vida senão o trabalho, outra distracção senão a prece.

Este trabalho dura dois seculos e não tem outras testemunhas senão as avesinhas do ceo e os animaes dos bosques.

Retirado á sua cella coberta de juncos e cannicos, o monge vive no meio dos animaes que domina, que domestica, de que faz os seus companheiros, auxiliares e amigos.

Na frente apparece o veado cujo contorno imponente se destaca em cada pagina da maravilhosa historia dos monges do Occidente.

S. Leonardo atrela veados á sua charrua; S. Karieff domestica um veado que conduz ferramentas, fardos e o segue como um cão; S. Leomer não marcha senão acompanhado por um bando de corças, Magloire e o monge Hervé empregam os veados na lavoura.

D'este dominio maravilhoso e grato, d'esta alliança da fera e do solitario, nasceram essas graciosas lendas em que o veado occupa sempre o primeiro logar e que o povo repete ainda.

Na floresta de Vergt, no Perigord, ha um veado bemfazejo cujas hastes de ouro afugentam os diabretes e as bruxas; e ao longo das terras bretãs, passa um veado alado que leva para as espheras radiantes a alma do recémnascido ceifado pela morte.

Nos dias de tempestade, no Berri, os camponezes julgavam ouvir, entre dois trovões, os latidos dos cães de Herodes condemnado a perseguir, nas nuvens, um veado, tão branco como a neve, que não devia alcançar nunca.

Ah! Sei bem que a lenda, de dia para dia se apaga; mas a caça fica! Resta o veado, orgulho e ornamento das nossas velhas florestas, o veado que apparece como a volta aos tempos da cavallaria, como resurreição da montaria.

Não ouvem as trompas de caça que juntam as suas notas aos latidos das matilhas, as alegres fanfarras que vão resoar nos campos e nos bosques?...

FULBERT DUMONTEIL

Editor responsavel—Mannel Augusto Pinto

A LIBERAL—Officina typographica

Rua de S. Paulo, 216